

## **AVALIAÇÃO ESCOLAR EM GRUPOS INTERATIVOS: um estudo teórico de práticas no Ensino de Ciências nos últimos anos**

José dos Santos Ferreira (1); Leonardo Alcântara Alves (2)

*Autor (Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (Em associação ampla entre Universidade do Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN. Professor da Educação Básica Municipal de Fortaleza-CE.). E-mail: santos\_ufc@hotmail.com);*

*Orientador (Professor Adjunto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN-Campus Apodi. Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino – POSENSINO (Em associação ampla entre Universidade do Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN). E-mail: leonardo.alcantara@ifrn.edu.br)*

**Resumo:** Esta produção acadêmica apresenta um Estado do conhecimento sobre o tema “Avaliação escolar em grupos interativos”, com ênfase nas práticas avaliativas voltadas especificamente para os anos finais do Ensino Fundamental, compreendendo o espaço de tempo entre os anos de 2006 até 2018. Nessa perspectiva, buscamos alcançar o ineditismo, ou nos distanciarmos da redundância encontrada em produções acadêmicas, algo que tem sido cada vez mais difícil, levando em consideração a quantidade de pesquisas produzidas sobre avaliação escolar nas mais variadas instituições de ensino. Seguindo os pressupostos necessários para que a pesquisa possa ser realizada e finalizada, a escolha do tema problematizado nos levou a investigar o que já foi discutido, produzido e publicado em revistas científicas qualificadas em Ensino que discutem o Ensino de Ciências, com Qualis A e B. A fonte utilizada para a realização da pesquisa foi o buscador Google Acadêmico, onde objetivamos a investigação de produções publicadas no período correspondente a análise sobre o tema em questão, além de realizarmos um levantamento quantitativo das publicações acadêmicas referentes à temática. O estudo qualitativo das produções encontradas foram discutidos segundo a Análise de Conteúdos de Laurence Bardin e caracterizados em relação ao teor bibliográfico e documental, fundamentados por autores que debatem com consistência, teorias que nos levam ao imbricamento de possíveis, no que se refere à avaliação escolar, enquanto *práxis* educacional de proposta diferenciada, buscando a melhoria da aprendizagem no ambiente escolar e da qualidade na educação básica.

**Palavras chaves:** Conhecimento, Práticas, Possíveis.

### **INTRODUÇÃO**

Contextualizando a idealização atual da avaliação, que teve seu surgimento com a reforma do ensino fundamental, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-9.394/96), segue-se uma orientação para a compreensão dos conhecimentos voltada para as vivências no cotidiano do aluno. Esta ideia teve origem nas diretrizes definidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1999) nos quais estão presentes a visão de um ensino com foco entre a interface da informação científica e do contexto social, tendo continuidade nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) (BRASIL, 2013). Pensando assim (GUIMARÃES ECHEVERRÍA, MORAIS, 2006, p. 304), discutem essa temática quando afirmam que, em primeiro lugar, deve-se conhecer os professores presentes no contexto atual da escola e reconhecê-los como sujeitos responsáveis por toda e qualquer mudança significativa que venha ocorrer na educação escolar. Nesse contexto, os esforços devem acontecer para melhorar a

formação dos professores, considerando que essa possibilidade implica também na melhoria da aprendizagem dos sujeitos envolvidos nesse processo atual de mudanças no sistema educacional.

Freire (1983, p. 5) relata que somos educados em comunidade a partir da reflexão da *práxis* da vida de cada educando. Para ele, a educação dialógica implica liberdade e democracia. Dessa forma, a intencionalidade do autor para a educação é “a libertação e não a domesticação” (FREIRE, 1983. p.3) e, para isso, o educando precisa ter desenvolvido o seu senso crítico. Assim, o diálogo assume caracterização da linguagem de compreensão e do aprendizado mais significativo presente nesse processo de alfabetização e, nesse contexto, a educação alfabetizadora torna possível o processo de humanização, permitindo crescer em comunidade, pois “A educação cria novas possibilidades para o sujeito. Este procura transformações, já não aceitando mais sua condição social, estará sempre em busca de novos conhecimentos” (DUARTE, 2012, p. 25).

Analisando o presente contexto, esse estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo Estado do Conhecimento, no qual se propõe como objetivo geral realizar um levantamento da produção sobre a prática da avaliação escolar aplicada em Grupos Interativos (GI) dos artigos entre os anos de 2006 a 2018, das revistas científicas qualificadas em Ensino que discutem o Ensino de Ciências, espaço em que se encontram as produções acadêmicas das Instituições de Ensino Superior (IES). Os objetivos específicos propostos sugerem investigar as tendências relacionadas aos temas: avaliação escolar e Grupos Interativos; identificar as relações metodológicas avaliativas com a pesquisa e relacionar as produções encontradas com a *práxis* educacional problematizada nesta pesquisa, buscando melhor desempenho da aprendizagem no ambiente escolar e, conseqüentemente, da qualidade na educação básica.

A sequência na análise deste trabalho segue a referência proposta na obra de Laurence Bardin, cujos pressupostos são, atualmente, os mais utilizados no que faz referência à análise de conteúdo. Entretanto, autores que abordam a referida análise, também orientam como base para a produção do texto, buscando atingir o objetivo proposto, tentando encontrar as respostas e solucionar os questionamentos levantados inicialmente. Contudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas a fim de incorporar ao tema, elementos críticos que possam tornar relevantes a discussão sobre os aspectos problematizados.

Enfatizando a Avaliação Escolar aplicada em GI, esta pesquisa nos remete a um imbricamento da temática em questão, de modo a produzir registros de produções acadêmicas sobre o objeto e posterior discussão do levantamento, desvelando questões significativas da discussão contemporânea sobre a construção de uma produção científica e investigativa na área

da Educação com ênfase em ensino e apontando posições teóricas fundamentadoras de questões substantivas com vista à prática de pesquisa articulada à realidade nacional (MARTINS, 2016).

Seguindo esses pressupostos, Romanowski e Ens (2006) trazem uma temática que é de importância relevante para iniciar uma análise qualitativa sobre as produções em uma determinada área de conhecimento. Para isso, as autoras citam o levantamento e a revisão do conhecimento sobre o estudo proposto. Para as autoras, o estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de ‘estado do conhecimento’ (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p. 39-40). A partir desses paradigmas, definiu-se como questão norteadora da investigação: O que tem sido pesquisado sobre Avaliação Escolar Aplicada em Grupos Interativos no Ensino de Ciências, analisando produções publicadas em revistas científicas desenvolvidas nos últimos anos sobre a temática? Para Soares,

...é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses (SOARES, 1987, p. 3).

Esses possíveis, segundo a autora, permitem identificar o foco das pesquisas, temas abordados, metodologias utilizadas e resultados e discussões obtidos a partir da análise dos dados, assim como detectar lacunas deixadas pelos referidos estudos, possibilitando, nesse contexto, indicar direções a serem seguidas, proporcionando contribuições para a elaboração de uma visão mais abrangente sobre o tema. Analisando Richardson (2009), observamos o destaque do autor quanto à importância tanto da confiabilidade como da validade interna e externa da pesquisa. Para o autor essa confiabilidade “indica a capacidade que devem ter os instrumentos utilizados de produzir medições constantes, quando aplicados a um mesmo fenômeno” (RICHARDSON, 2009, p. 87).

Na relação aprendizagem/educação científica, em “Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna”, Boaventura Santos (2003, p. 48) nos afirma que:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem (SANTOS, 2003, p. 48).

Para o autor, um novo conceito de racionalidade científica vem se formando à medida que se rompem os vínculos com os paradigmas dominantes, ocasionando novas formas e

modelos de pensar cientificamente, a partir da negação dos conhecimentos existentes, podendo formar outros conceitos seguindo princípios epistêmicos e regras metodológicas. Assim, enquanto os conceitos se ajustam ou não, as proposições, relevantes ou não, mesmo durante a interpretação dos dados, configura-se necessário voltar atentamente e constantemente aos marcos teóricos, pois eles nortearam a investigação e são o suporte para o embasamento e o imbricamento das perspectivas significantes que configuram o estudo. Caracterizando a relação que se estabelece entre os dados obtidos e a fundamentação teórica, proporcionando sentidos à interpretação, significa afirmar verdadeiramente que o discurso enunciado, o que quer dizer, em profundidade, certas afirmações, permanece aparentemente superficial.

## **METODOLOGIA**

Segundo Bardin (2011) as hipóteses, que são explicações antecipadas do fenômeno observado, podem ser relevantes. Para a autora, as afirmações iniciais precisam ser comprovadas, caso contrário, serão refutadas ao final do estudo. Concluída a fase das leituras, seguem-se as fases dos objetivos e da descrição do conteúdo das mensagens, onde a autora recomenda que seja escolhido um índice e que o mesmo seja organizado em indicadores, pois é no momento da exploração do material, que os dados são codificados, passando por um processo em que são sistematicamente transformados e agregados em unidades. Seguindo a indicação de Bardin (2011), para que se possa utilizar da análise de conteúdo, três fases fundamentais são previstas, conforme o esquema apresentado no Fluxograma 1, abaixo: Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

Fluxograma 1: Fases da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaborado pelo autor (2018), adaptado de Bardin (2011).

Para Câmara (2013), o trabalho se inicia com a escolha dos documentos que serão analisados. Neste caso, os artigos de algumas revistas científicas, foram catalogados e

constituíram o *corpus* da pesquisa. Em seguida, foram feitas as transcrições para uma tabela, iniciando-se a leitura flutuante e passando para a escolha de índices ou categorias. Os dados surgiram das análises feitas a partir das questões norteadoras ou das hipóteses, sendo enfim, organizados em indicadores como *qualis*, edição e páginas e temas como títulos e autores.

A primeira fase, ‘Pré-análise’, ou fase de organização, estabelece-se um esquema de trabalho preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis (CÂMARA, 2013, p.183). Bardin (2011) relata nesta fase, um primeiro contato com os documentos submetidos à análise, pois a partir da escolha deles é que se seguem a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

Na segunda fase, ‘Exploração do material’, (CÂMARA, 2013, p.185) foram selecionadas as seguintes unidades de codificação: registro como recorte; regras de contagem (enumeração); escolha de categorias (classificação e agregação); classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro); classificação (temas, no exemplo dado); categorização (maior número de informações à custa de uma esquematização e ordem da correlação de classes de acontecimentos). Após a escolha da unidade de codificação, foi feita a classificação em blocos, cujas funções expressam categorias que possam confirmar ou modificar aquelas que se fizeram presentes nas hipóteses e/ou nos referenciais teóricos propostos inicialmente. Dessa forma, as categorias tornam-se cada vez mais objetivas e claras aos propósitos do estudo, proporcionando uma organização em colunas, de todo o material ou dados da pesquisa.

Na terceira e última fase do processo da análise de conteúdo, ‘Tratamento dos resultados: inferência e interpretação’, fez-se necessário, envolvimento nos resultados brutos, torná-los significativos e válidos. Para Câmara (2013) a inferência na análise de conteúdo segue a orientação de diversos polos de atenção, ou seja, de atração da comunicação. É um instrumento que induz a investigação sobre as causas a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores, referências) (BARDIN, 2011, p. 137).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Farago e Fofonca (2012) afirmam que a Análise de Conteúdo enquanto técnica, pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, as quais sofreram muitas reformulações desde seus primeiros preceitos da Análise de Conteúdo Clássica, Krippendorff (1980), até os dias atuais, abrangendo uma análise mais contemporânea, como os preceitos metodológicos influenciados pelo uso do computador.



Seguindo esses pressupostos, o processo de análise dos periódicos selecionados e apresentados na tabela 1, iniciou-se acessando o Google Acadêmico, onde buscou-se pelos títulos das respectivas revistas, em um recorte temporal entre os anos 2006 a 2018. A escolha deste recorte temporal ocorreu devido acreditar ser um período relativamente significativo para o desenvolvimento de estudos e a provocação de bastantes discussões e questionamentos relacionados a abordagem da problemática da pesquisa. Richardson (1999) destaca que as pesquisas científicas devem cumprir critérios científicos e que a apresentação de critérios de confiabilidade e validade culminam por ser uma exigência da pesquisa séria e ética. Ainda sobre confiabilidade, Yin (2001, p. 60) destaca que “o propósito da confiabilidade é minimizar os erros e os vieses de um estudo”. Na Tabela 1 a seguir, encontram-se destacamos os periódicos utilizados para esta análise.

Tabela 1 – Títulos de revistas científicas qualificadas em Ensino que discutem o Ensino de Ciências

<b>TÍTULO – REVISTAS CIENTÍFICAS</b>	<b>ISSN</b>
ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS	1983-2117
ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS	0212-4521
ARETÉ - REVISTA AMAZÔNICA DE ENSINO DE CIÊNCIAS	1984-7505
CIÊNCIA E EDUCAÇÃO	1980-850X
INVESTIGAÇÕES EM ENSINO DE CIÊNCIAS	1518-8795
REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO; CIÊNCIA E TECNOLOGIA	1982-873X
REVISTA BRASILEIRA EM PESQUISA EM EDUCAÇÃO CIÊNCIAS	1806-5104
EDUCAÇÃO UNISINOS	2177-6210
TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO	1415-837X
REVISTA CIÊNCIA EM EXTENSÃO	1679-4605

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

A princípio, analisou-se os títulos dos artigos de cada edição das revistas e percebeu-se que não há muitos trabalhos que tratem das temáticas discutidas nesta pesquisa, encontrando-se apenas semelhanças com ênfase em avaliação escolar. Ao final desta busca encontrou-se um total de 5 (cinco) artigos, como pode ser visto na tabela 2, que tratam da aprendizagem abordando assuntos relacionados às Comunidades de Aprendizagem, com ênfase na aprendizagem dialógica.

Tabela 2 – Artigos encontrados em Revistas científicas qualificadas em Ensino que discutem o Ensino de Ciências, no período entre 2006-2018



REVISTA	QUALIS ENSINO	EDIÇÃO / PÁGINAS	TÍTULO (ARTIGOS)	AUTOR(A)
ENSAIO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS (1983-2117)	A1	Vol.16, n. 01, p. 31-47, janeiro/abril, 2014	Por um ensino e uma aprendizagem-acontecimento	BRITO, M. R.; RAMOS, M. N. C.
ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS (0212-4521)	A1	-----	-----	-----
EDUCAÇÃO UNISINOS (2177-6210)	A2	Vol. 18, n. 2, p. 165-175, Maio/Agosto, 2014  Vol. 22, n. 2, p. 204-213, Abril/Junho, 2018	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E A PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DE FAMILIARES E DA COMUNIDADE: elemento- chave para uma educação de êxito para todos  PRÁTICAS COLABORATIVAS: o papel do outro para as aprendizagens docente	BRAGA, F. M.; MELLO, R. R.  ANJOS, D. D.; NACARATO, A. M.; FREITAS, A. P.
ARETÉ - REVISTA AMAZÔNICA DE ENSINO DE CIÊNCIAS (1984-7505)	A2	-----	-----	-----
CIÊNCIA E EDUCAÇÃO (1980-850X)	A2	-----	-----	-----
INVESTIGAÇÕ ES EM ENSINO DE CIÊNCIAS (1518-8795)	A2	-----	-----	-----
REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA (1982-873X)	A2	-----	-----	-----
REVISTA BRASILEIRA EM PESQUISA EM EDUCAÇÃO CIÊNCIAS (1806-5104)	A2	-----	-----	-----
TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO (1415-837X)	B4	Vol. 12, n. 3, p. 289- 301, 2009	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: buscando relações mais dialógicas e aprendizagens mais efetivas entre todas/os	BRAGA, F. M.; MELLO, R. R.
REVISTA CIÊNCIA EM EXTENSÃO (1679-4605)	B5	Vol.8, n. 3, p. 205-212, 2012	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: construindo uma nova forma de ser escola	CONSTANTINO, F. L.; BRAGA, F. M.; SANT'ANA, F. M. G.; CONSONI, J. B.; GALLI, E. F.

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Finalizadas as buscas, identificou-se nos resumos dos artigos encontrados, seus objetivos, suas áreas de atuação e seus resultados, semelhanças ou acordos com as questões problematizadas. As buscas foram feitas no sentido de referenciar os temas “grupos interativos”, “avaliação escolar” e “ensino de ciências”, porém, não encontrou-se artigos, no período de doze anos (2006-2018), publicados nas 10 (dez) revistas científicas analisadas, que fizessem referências diretas ao tema estudado “Avaliação escolar em Grupos Interativos”.

A interpretação dos conceitos selecionados nos textos escolhidos para análise, seguem critérios científicos (RICHARDSON, 1999) de confiabilidade, rigor técnico, sério e ético, ficando da seguinte maneira: No que se refere aos conceitos temáticos, os resultados indicaram que não são satisfatórias, pois não se encontraram registros de avaliações escolares realizadas através de GI, no Ensino de Ciências, sendo que tais avaliações abordam a Aprendizagem Dialógica, desenvolvida através das Comunidades de Aprendizagem, tema bastante discutido nos artigos encontrados e catalogados. Assim, identificou-se elementos (YIN, 2001) que proporcionam confiabilidade e minimizam os erros e os vieses do estudo, destacando a pesquisa como desbravadora de uma problemática pouco pesquisada podendo contribuir significativamente para a melhoria da aprendizagem neste segmento de Ensino.

Durante o processo de investigação dos 5 (cinco) artigos analisados, fez-se necessário buscar semelhanças que pudessem haver entre eles, tornando-os relevantes para a discussão. Nessas condições, o viés da análise da pesquisa foi direcionada para a Aprendizagem Colaborativa e a Aprendizagem Dialógica, sendo esta segunda desenvolvida através das Comunidades de Aprendizagem, foco dos artigos selecionados para categorização e discussão dos dados. Após a análise de cada artigo, separou-se deles, informações relevantes a fim de melhor investigar a abordagem desses temas geradores no Ensino de Ciências.

Os dados categorizados: “Aprendizagem Colaborativa” e “Aprendizagem Dialógica” identificados nos artigos analisados, estão demonstrados na tabela 3 e enumerados na sequência de números cardinais de 1 (um) a 5 (cinco).

Tabela 3 – Demonstração dos dados categorizados nos artigos selecionados para análise

Nº DO ARTIGO	TÍTULO	CATEGORIA
1	Por um ensino e uma aprendizagem-acontecimento	Aprendizagem Colaborativa
2	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E A PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DE FAMILIARES E DA COMUNIDADE: elemento-chave para uma educação de êxito para todos	Aprendizagem Dialógica



3	PRÁTICAS COLABORATIVAS: o papel do outro para as aprendizagens docente	Aprendizagem Colaborativa
4	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: buscando relações mais dialógicas e aprendizagens mais efetivas entre todas/os	Aprendizagem Dialógica
5	COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: construindo uma nova forma de ser escola	Aprendizagem Dialógica

Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Analisando os resultados categorizados, podemos perceber que 2 (dois) deles, os artigos de números 1 (um) e 3 (três), não estão inseridos em nenhum dos contextos abordados nos objetivos de estudo, pois falam da Aprendizagem Colaborativa, tema não problematizado nesta pesquisa e, por esse motivo, foram desconsiderados na discussão proposta neste Estado do Conhecimento, restando portanto, 3 (três) artigos que abordam a categoria “Aprendizagem Dialógica”, presente nas Comunidades de Aprendizagem. Essa aprendizagem comum aos 3 (três) artigos em discussão, formam a base fundamental dos GI, os quais estão inseridos na contextualização da avaliação escolar, problematizada no presente estudo.

Devido os artigos apresentarem a mesma contextualização da problemática aqui proposta, optamos por realizar uma discussão comum a todos, enfatizando a educação através da aprendizagem dialógica. Essa aprendizagem para Freire (1985), implica em liberdade e democracia, sua intenção é a libertação, através da qual o educando, cuja reflexão é compartilhada, é protagonista de suas múltiplas autorias. Seguindo esse paradigma, Flecha (1997) destaca a Aprendizagem Dialógica como uma concepção comunicativa da aprendizagem onde se entende que as pessoas aprendem a partir das interações com outras pessoas. Esse tipo de aprendizagem é a base estrutural na qual, a partir dela, se consegue ter atuações educativas de êxito como os GI (FLECHA, 1997). O referido autor, presente nos 3 (três) artigos selecionados, fundou o Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA), da Universidade de Barcelona, tendo como objetivo promover a máxima qualidade das aprendizagens nos processos educativos, tais como a memória e a atenção, aprender as regras práticas para a execução de tarefas e elaborar e utilizar mecanismos de pensamento para a resolução de problemas.

Para tanto, os princípios envolvidos no conceito e que norteiam a fundamentação das pesquisas realizadas nestes trabalhos em análise, baseiam-se em teorias eficazes para se alcançar a igualdade educativa e social (BRAGA, GABASSA, MELLO, 2010). O tema geral do artigos é a questão da participação educativa que envolve familiares e a comunidade como sujeitos atuantes em prol do êxito escolar para todas as pessoas que fazem parte da atual sociedade do conhecimento e da informação, através da proposta de Comunidades de

Aprendizagem. Autoras dos dois primeiros artigos discutidos, Braga e Mello (2009; 2014), assim como Constantino et al. (2012), discutem contribuições advindas de pesquisa realizada em escolas que se transformaram em Comunidades de Aprendizagem e de pesquisas desenvolvidas em teses de Doutorado em diferentes contextos de atuação: Brasil e Espanha. Também comum a todos, a pesquisa teve nas entrevistas e grupos de discussões seus principais instrumentos de coleta pautada no conceito de *aprendizagem dialógica*, bem como na metodologia comunicativo-crítica.

Assim, conclui-se o processo de Análise de Conteúdo, porém ao considerarmos que essas três fases precisam ser seguidas, a condução das mesmas apresenta muitas variações, já que suas comunicações ou o objeto de análise, podem apresentar diferentes formas de abordagem. Para Godoy (1995; 2005) e Bardin (2011) alguns pesquisadores preferem escolher a palavra, outros optam pelas sentenças, parágrafos e, até mesmo, o texto ou de partes dele, já outros, ainda centralizam sua atenção em temáticas determinadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o contexto apresentado nesta pesquisa, caracterizamos esse estudo como uma pesquisa do tipo Estado do Conhecimento, no qual realizamos um levantamento da produção sobre a prática da avaliação escolar aplicada em Grupos Interativos (GI). As produções estudadas foram artigos publicados entre os anos de 2006 a 2018, dos Periódicos científicos qualificados em Ensino que discutem o Ensino de Ciências, enquanto espaço de divulgação científica das produções acadêmicas das Instituições de Ensino Superior (IES).

A análise sequencial deste trabalho seguiu a referência proposta na obra Análise de Conteúdos de Laurence Bardin, cujos pressupostos são, atualmente, os mais referenciados. No entanto, outros autores que abordam a referida análise, também orientaram como base de fundamentação teórica para a produção do texto, buscando atingir o objetivo proposto. Houve uma tentativa de encontrar as respostas para as indagações, a fim de solucionarmos os questionamentos levantados inicialmente.

Diante desses desafios, as pesquisas bibliográficas realizadas conseguiram incorporar ao tema elementos críticos que puderam tornar relevantes a discussão sobre os aspectos problematizados. Para Bardin (2011) as categorias problematizadas devem possuir certas qualidades como exclusão mútua, homogeneidade, pertinência (dizem respeito às intenções do investigador, aos objetivos às questões norteadoras, às características da mensagem, etc.), objetividade e fidelidade e produtividade.

Em relação às problemáticas propostas e levando em consideração as sugestões teórico-metodológicas que orientaram a pesquisa, investigamos as tendências relacionadas aos temas: “Grupos Interativos”; “avaliação escolar” e “Ensino de Ciências”. Identificamos nessas condições e nas relações metodológicas avaliativas envolvidas com a pesquisa, condições que possam proporcionar como consequência do estudo realizado, possibilidades de garantias que orientem ao aumento da qualidade na educação básica, considerando que essa qualidade não tem apresentado resultados satisfatórios frente às avaliações externas realizadas por órgão governamentais. Propomos ainda, relacionarmos as produções encontradas com a *práxis* educacional problematizada, pressupondo uma busca na melhoria do desempenho da aprendizagem no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

\_\_\_\_\_. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGA, F. M.; MELLO, R. R. COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: buscando relações mais dialógicas e aprendizagens mais efetivas entre todas/os. **Teoria e Prática da Educação**, Vol. 12, n. 3, p. 289-301, 2009.

\_\_\_\_\_. COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E A PARTICIPAÇÃO EDUCATIVA DE FAMILIARES E DA COMUNIDADE: elemento-chave para uma educação de êxito para todos. **Educação Unisinos**, Vol. 18, n. 2, p. 165-175, Maio/Agosto, 2014.

BRAGA, F. M.; GABASSA, V.; MELLO, R. R. **Aprendizagem dialógica**: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as). São Carlos: EdUFSCar, 2010.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6 (2), jul-dez, p. 179-191, 2013.

CONSTANTINO, F. L.; BRAGA, F. M.; SANT’ANA, F. M. G.; CONSONI, J. B.; GALLI, E. F. COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM: construindo uma nova forma de ser escola. **Revista Ciência em Extensão**, Vol.8, n. 3, p. 205-212, 2012.

**Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

DUARTE, H. H. A. C. O olhar filosófico de Paulo Freire sobre a alfabetização de jovens e adultos. **Trabalho de Conclusão de Curso** - Departamento de Educação - Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2012. Disponível em:  
<<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/HELOISA%20HELENA%20APARECID A%20CHAVES%20DUARTE.pdf>>. Acesso em: 06 de maio 2018

FARAGO, C.C.; FOFONCA, E. A ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. **LINGUASAGEM**, Edição 18, 1º - Semestre de 2012, UFSCar.

FLECHA, R. **Compartiendo palabras**. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo. Barcelona: Paidós, 1997.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança. Vol.1. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. 1921-1997. **Política e educação: ensaios**/Paulo Freire. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23), 5ª Ed. Editora Afiliada - São Paulo: Cortez, 2001.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUIMARÃES, G. M. A.; ECHEVERRÍA, A. R.; MORAES, I. J. Modelos didáticos no discurso de Professores de Ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 11, n. 3, p. 303-322, 2006.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis an introduction to its Methodology**. London: Sage, 1980.

MARTINS, M. C. O ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PESQUISAS SOBRE A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. In: XVIII ENDIPE: Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, p. 9767-9772. Cuiabá-MT, 2016.

**Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Ensino Médio**; Ministério da Educação. Brasília: 1999.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, septiembre/diciembre, p. 37-50, Pontificia Universidade Católica do Paraná, 2006.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas (3a ed.). São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, may/aug, 1988.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.